

DOSSIER

FILOSOFIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA

Princípios
Revista de filosofia

E-ISSN: 1983-2109

A Revista *Princípios* torna público em seu número 32 um dossiê de “Filosofia Política Contemporânea”, criando um proveitoso espaço de pensamento político-filosófico através de reflexões conceituais e discussões críticas elaboradas por estudiosos do Brasil e do exterior, aos quais agradeço pelas colaborações. Parablenizo o Editor responsável, Prof. Eduardo Pellejero, pela iniciativa e agradeço-lhe por ter me convidado para participar da organização deste número, cujo propósito primordial foi proporcionar aos leitores uma compreensão abrangente e multifacetada dessa relevante área de pesquisa, apresentando orientações teóricas heterogêneas e diferentes perspectivas interpretativas.

Apesar dos posicionamentos filosóficos investigados serem distintos entre si, os estudos que compõem o dossiê evidenciam o quanto a tarefa de muitos caminhos percorridos pela filosofia política contemporânea reside no exame crítico das possibilidades e impossibilidades atuais da política efetivamente democrática, tendo em vista a renovação das formas de ação, discussão e associação política no presente, para além das bases liberais das democracias vigentes, com seu sistema representativo de partidos burocratizados. Trata-se de redefinir o significado político da liberdade e a liberdade como o sentido da política, concebendo outras configurações de laços políticos entre os homens e iluminando novos modos de engajamento, participação e resistência na luta contra a impotência política, a apatia, a descartabilidade das massas e toda forma de violência que

despotencialize o caráter compartilhado do mundo e neutralize a aptidão humana para dar início a algo novo e inantecipável mediante atos e palavras.

Desde as duas guerras mundiais do século passado, impõe-se ao pensamento político o diagnóstico das atuais ameaças ao exercício ativo da liberdade política, destruído não apenas pela aterrorização e doutrinação ideológica das massas no totalitarismo, mas também pela despolíticação e privatização da esfera pública vigentes em nossa experiência neoliberal contemporânea, na qual se atrofiam os espaços de expressão, discussão, ação e decisão conjunta de cidadãos livres e ativos. É por isso que a reflexão filosófica sobre a política na atualidade não pode coincidir completamente com o presente, pois precisa efetuar uma dissociação com relação a ele, não se adequando a suas pretensões. Não se trata da aspiração por viver em outra época, mas de uma relação singular e intempestiva com a atualidade, buscando enxergar no presente uma confrontação entre um passado sempre inacabado e um futuro no qual se renovam as formas de vida comum e se revigoram as possibilidades de atuação política. Para ser autenticamente contemporânea, a *reflexão* política contemporânea precisa não estar plenamente aderida ao presente, operando uma *inflexão* da atualidade sobre ela própria, afastando-a de si mesma, tendo em vista diagnosticar os seus perigos e elucidar aquilo que ela introduz de novidade e produz de potencial transformação futura na dinâmica de superação das suas próprias condições.

A tarefa, afinal, como bem indicou Agamben, consiste em investigar “de quem” e “de que” somos contemporâneos e, sobretudo, o que significa ser “contemporâneo”. Trata-se de instaurar, como diz Foucault, “um modo de relação com a atualidade”, pois a dinâmica temporal em que se realiza o “contemporâneo” não ocorre na sucessão linear do tempo meramente cronológico, vazio e unidirecional, mas na “desomogeneidade” (Agamben) dos tempos, uma vez que o contemporâneo não reside no vivido, na simples ocorrência trivial do presente, mas também no não-vivido, ou seja, em tudo aquilo que no presente não conseguimos viver. Como ensina Hannah

Arendt, apesar do colapso de tudo que há *entre* nós e do moderno crescimento da “ausência-de-mundo” terem instaurado um deserto no qual passamos a viver, não somos do deserto, pois enquanto houver no mundo alguém ao invés de ninguém, será ainda possível conservar a “virtude da resistência” e a coragem de se tornar um ser ativo. O grande perigo reside hoje, portanto, na transformação dos homens em “habitantes do deserto”, generalizando de tal modo as condições do deserto que todos passam a se sentir em casa nele.

Rodrigo Ribeiro

Professor do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
E-mail: rodrigo.alvesneto@gmail.com